

INTELECTUAIS E RESPONSABILIDADE¹

Hannah Arendt

I.

Quem são eles? Aqueles que trabalham com a mente.

a) Uma parte funcional e de grande importância para a sociedade. Não há dúvidas acerca da dependência do governo sobre eles. Qual a função deles de acordo com o governo? Concentrarem-se na indispensável e difícil tarefa de guiar o poder com a verdade, podem eles fazer isso se eles mesmos são parte das estruturas de poder? E a verdade guia o poder - ao invés de limitá-lo? Qual a relação entre a verdade e o poder?

b) Ou, aqueles que não fazem parte disso: à ocasião de uma discussão do Conselho Nacional de Humanidades no Instituto Nacional de Letras e Artes², o sr. Gardner³ (representante do governo) diz que: sua responsabilidade “é a de avançar os valores e julgamentos”. O presidente Johnson na cerimônia de juramento diz: o estudioso deve “saber que o conhecimento existe não para o bem dele próprio, mas para o bem da humanidade”, lidera o “ataque a pobreza de espírito do homem”, sendo assim, o instituto deveria recomendar somente aqueles que demonstram a promessa de definir, para os estudantes e para o povo americano em geral, quais têm sido seus objetivos e valores, quais são e quais deveriam ser seus objetivos e valores para o futuro.

II.

O governo tende a definir a responsabilidade dos intelectuais, e isso significa fazer deles uma parte funcional da sociedade. Mas, enquanto parte funcional da sociedade, eles não diferem de outras partes desta e isso não funciona bem. Além do mais, pode-se perceber bem porque eles deveriam ter responsabilidades especiais. Deixe-me dar um exemplo: a bomba de hidrogênio, ainda era possível deliberar pela construção ou não construção dela. As consequências eram conhecidas somente pelos cientistas, eles eram um clube pequeno ainda. Temos aqui uma questão, a da responsabilidade puramente para os “intelectuais”. O que aconteceu? Durante a discussão todas as incertezas sobre as decisões e julgamentos políticos apareceram e os intelectuais – quase que unanimemente, na possibilidade e grau de destruição – discordaram precisamente do mesmo modo que os cidadãos discordavam. Normalmente discutimos assuntos como se os cientistas e os

¹ Tradução: Marcos Antônio da S. S. Ferreira; Revisão Técnica: João Batista Farias Júnior

² N.T.: O National Council on Humanities foi criado em 1965 com o objetivo de assegurar investimentos para as artes e cultura nos Estados Unidos, o projeto de criação do conselho foi assinado pelo presidente Lyndon Johnson em 29 de setembro de 1965. Fonte: <https://www.neh.gov/about/history>. Já o National Institute of Arts and Letters foi fundado em 1898 na cidade de Nova York com o intuito de incentivar o avanço das artes e da literatura. Constituído inicialmente por 250 membros, a academia possui atualmente 300 membros, entre arquitetos, artistas e escritores. Em 1904 foi criado o American Academy of Arts and Letters, ao qual o instituto se uniu e como ficou conhecido desde então. Fonte: <https://artsandletters.org/history/>

³ N.T.: Não fica claro à quem Arendt se refere. O mais provável é que ela esteja se referindo à John William Gardner (1912-2002), Gardner foi Secretário da saúde, educação e bem estar entre agosto de 1965 e março de 1968 durante o mandato do presidente Lyndon B. Johnson.

intelectuais estivessem de um lado, e cidadãos e políticos do outro (a única diferença entre ambos é que o primeiro geralmente possui menos informações). Aqui você os tem em uma só pessoa e no instante que a responsabilidade apareceu, o homem político prevaleceu.

A conclusão seria: a noção de que os intelectuais têm maior responsabilidade porque eles têm mais conhecimento. Apesar de que ter conhecimento não significa que eles são capazes de chegar a uma conclusão melhor e, assim, a um julgamento mais unânime. Desse modo, a responsabilidade especial deles resta em apresentar os fatos de determinada questão, depois da qual seu papel voltaria a ser o de um cidadão como qualquer outro.

III.

As universidades: elas dependem do dinheiro do governo, mas o governo é muito mais dependente delas. Esse dinheiro não traz nenhum perigo, pode ser “esterilizado” (Henry Steele Commanger⁴), já que as universidades são em si grandes poderes.

A universidade tem uma dupla tarefa: educar, e assim ela é parte funcional da sociedade; e pesquisar, onde o conhecimento é perseguido em virtude própria. E por esse motivo queremos a verdade (e não valores, criar valores para a sociedade e brincar de ser a “consciência da sociedade” – que arrogância. A sociedade ou tem uma consciência ou não a tem. Não seremos capazes de prover uma consciência a ela. Podemos examinar valores, consciência, etc., mas não provê-los). Cada um de nós veste dois chapéus também, ensinamos a verdade como a enxergamos - para continuar nessa busca pela verdade. Ademais, somos também cidadãos e temos responsabilidades.

IV.

Quais seriam então as responsabilidades desses pesquisadores da verdade, que pela própria natureza de seu trabalho não são - para dizer o mínimo - tão funcionais. É ingênuo acreditar que aquilo que eles encontram vai permanecer nos interesses da sociedade a que pertencem ou mesmo para a humanidade, se os cientistas tivessem os interesses da humanidade em seus corações não teríamos tido o sistema Copernicano, foi justamente por poderem abstrair dos interesses ligados a terra que nossos primeiros passos em direção ao universo foram dados. Aqueles no poder eram contrários a isso - e corretamente o eram, do ponto de vista de interesse.

Contudo, poder e interesses têm seus limites, e o limite está naquilo que chamamos de verdade. A verdade, ou realidade, se vinga do poder ilimitado e dos interesses impulsionados por este. Assim, a verdade tem como obrigação – se é que tem alguma – limitar o poder⁵. Essa é a única responsabilidade do intelectual enquanto intelectual. No momento em que se desviar desse caminho ele passa a ser um cidadão, se encontrando na política e defendendo suas opiniões. Esse é

⁴ Henry Steele Commanger (1902–1998) foi um dos mais prolíficos historiadores dos Estados Unidos.

⁵ A arrogância do poder. (Nota da autora)

seu direito, e todos nós fazemos e devemos fazer assim, mas não temos o direito de afirmar que somos a "consciência da nação" por sermos intelectuais.